

## Papel da Província no Simbolismo Brasileiro

Cassiana Lacerda Carollo

Ainda que acreditemos estar a verdadeira definição e caracterização da literatura brasileira ligada ao processo de revisão do nosso passado a partir de autores e obras que contribuíram, definitivamente, para a ampliação e renovação de formas poéticas, o enfoque do mesmo problema através da evolução do pensamento crítico, paralelamente à nossa cultura, incita-nos às mais variadas considerações.

Os fatores locais que dificultam uma designação genérica àquele período que o professor Dr. José Aderaldo Castelo chama de **eclético**, talvez justifiquem, em parte, da colocação do adjetivo **brasileiro**, de maneira a distinguir do contexto universal o Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo.

Este último, por ter sido o movimento que mais tem sofrido as consequências de abordagens deformadas, merece maior pesquisa por exigir ainda do estudioso a posição que Eduardo Portella chama de "pensar a literatura brasileira brasileiromente".<sup>1</sup>

As "contradições internas", quando encaradas através da imposição de uma realidade brasileira, poderão responder se no Brasil o Simbolismo representa o resultado final de uma evolução iniciada com o romantismo, e se foi como quer Arnold Hauser, em certos aspectos "uma reação a toda poesia anterior".<sup>2</sup>

A estas cogitações liga-se a observação, aceita por muitos, de que "a história literária de nosso tempo é grandemente a do desenvolvimento do Simbolismo e de sua fusão ou conflito com o Naturalismo".<sup>3</sup>

Esta fusão/conflito, em nossa poesia parnasiana pode ser satisfatoriamente, explicada "pela índole romântica de seus cultivadores", decorrente não só da constância do romantismo entre nós, como pela presença de um modo de sentir caracteristicamente nacional.

Se a objetividade da escola importada, entrou em choque com a sensibilidade local, seria perfeitamente compreensível a fusão par-

nasianismo-simbolismo, na medida em que êste último representa o desenvolvimento de um veio romântico, não possuindo em linhas gerais feição antinômica ao nosso feitio.

Independente das razões estéticas de certas impregnações interessam-nos aqui os problemas e conflitos locais que provocaram o insulamento da poesia simbolista brasileira, que para muitos passou desapercibida, e até acusada de "pura importação", não exercendo a função relevante que a distinguiu, desde o princípio, na literatura européia. <sup>4</sup>.

O que parece ter havido na abordagem do desenvolvimento dêste período, é o mal entendimento entre fatos de arte e fatos de vida, na consideração dos problemas de orientação da função verbal da literatura e a expansão inversa da literatura na sociedade. Seria o caso de maior e melhor enfoque para o que Tynianov chama "correlação da literatura com as séries vizinhas". <sup>5</sup>

Nos conflitos de orientação dos parnasianos e simbolistas, observaremos não só o permanente processo de submissão das intenções às necessidades de criação, mas a presença das possibilidades e condições locais.

Na fusão/conflito merecem ser apreciados os fenômenos particulares ou de condições objetivas se impondo, critério êste que só acreditamos ser válido no estudo evolutivo da série literária.

A acusação feita ao simbolismo de haver passado ao largo dos acontecimentos, enquanto que os parnasianos mostraram-se participantes da realidade brasileira, em nada esclarece a função verbal de ambos os movimentos.

Se com o simbolismo vemos alargado "o hiato existente entre a praxis e a atividade artística", trata-se exatamente da intensificação de algo já existente nos postulados da poesia parnasiana. <sup>6</sup>

Porém se considerarmos o fenômeno inverso, ou seja, a projeção da literatura na vida social, veremos que grande parte das contradições se explicam por condicionamentos sociais particulares que permitiram tais expansões.

Tais condições tem no depoimento de José Veríssimo uma resposta significativa:

"Mais, talvez, do que nenhum outro aspecto da vida social, ressentia-se a literatura de condições do meio e do momento. Isto posto, não era de esperar que a nossa

vida literária tivesse no ano de 1901... mais vigor, mais intensidade, mais riqueza e brilho do que teve..."<sup>6</sup>

A valorização do Rio de Janeiro, como centro da "literatura — sorriso da sociedade", está ligada em termos de liderança à atividade dos poetas parnasianos, que representaram então a literatura oficial, cuja crosta o simbolismo não conseguiu romper para maior projeção.

É neste sentido, acreditados, estar apoiada a valorização da luta de grupos, dos conflitos que prepararam o advento do modernismo. Não se trata portanto de encarar o movimento simbolista no panorama da evolução da literatura brasileira, através da perspectiva da alienação/participação, mas do conflito literatura oficial a literatura marginal.

Enquanto o "Rio civiliza-se", acreditamos já se fazer necessário assinalar com maior destaque o papel da província, não só para o estudo das contradições e conflitos, como pelo que se refere à história das idéias no Brasil e à projeção dos grupos simbolistas nos centros menores.

Por outro lado, se em outras épocas os periódicos "congregaram esforços, definiram a existência de grupos dando expressão à nossa vida literária", já tendo sido destacado o papel da **Revista Brasileira**, **Fon-Fon** e das revistas simbolistas: **Rosa Cruz**, **Anais**, **Kosmos**, **Mercúrio** e **Renascença**, é importante acrescentar a estas o número expressivo de revistas literárias publicadas em outros Estados, em particular aquelas do Paraná: **O Cenáculo**, **Clube Coritybano**, **Revista Azul**, **Jerusalém**, **Esphynges**, e ainda **Galáxia**, **A Penna**, **Pallium**, e **Breviário**, **Azul**, **Turris Eburnea**, **Victrix**, **Stellario**, **Brasil Cívico**, **Ramo de Acácia**, que não só representam o maior número de periódicos do simbolismo, como são o repositório mais importante de seus textos, assinalando as contradições marcantes deste movimento decorrentes do ecletismo de orientação, fato básico para compreensão do simbolismo brasileiro.<sup>8</sup>

Além disso, o prestígio literário de um Dario Velloso, Emiliano Pernetta, Silveira Neto, oficializam a literatura simbolista na província, através de um fenômeno significativo de expansão social.<sup>9</sup>

Esta possibilidade permitiu ao simbolismo paranaense mostrar uma face nova do movimento que parecia estar condenado, pelos próprios postulados ao afastamento da realidade e dos problemas locais.

Apesar do horror à vulgaridade e ao comportamento burguês,

os simbolistas paranaenses empenham-se na luta, mesmo que utópica, pela liberdade de pensamento, socialismo, anti-clericalismo e pacifismo, pertencendo algumas das revistas, como é o caso de **Jerusalém**, **Esphynge**, **Ramo de Acácia**, **Brasil Cívico**, ao capítulo da história das idéias.

Curitiba não só foi o mais radical dos centros simbolistas, como centralizou o movimento brasileiro através de **O Cenáculo**, durante o período 1895-7.

No entanto, esta revista além de haver publicado textos do **Luar de Hivero** de Silveira Neto, de Dario Velloso, Nestor de Castro, Emiliano Pernetta, Jean Itiberê, de colaboradores de outros estados como Gustavo Santiago, Antonio Austregesilo, Luiz Murat, e ainda do belga Ivan Gilkin, também acolheu Emilio de Menezes, Justiniano de Melo, Alberto Rangel, Antonio Braga e Leoncio Correa.

Mais do que um periódico expressivo do movimento, **O Cenáculo** revela suas preocupações e convivências contraditórias, ainda que apresente uma evolução para idéias estéticas mais definidas em seu último ano de existência.

Bastante significativo é o programa incluído no primeiro número:

“O Cenáculo não vem pugnar dogmáticamente por nenhuma escola filosófica ou literária, porquanto não admite o exclusivismo partidário, nem reza liturgicamente as litanias salmodiadas pelo fanatismo ortodoxo: quer **Sentimento** pelo **Sentimento** é a **Verdade** pela **Verdade**. Procurará, corajosamente, aproveitando os minereos — **heterogêneos embora** \*, que constituirão quiçá o período primordial da literatura-concorrentes também ao certame **científico-literário** \*, que já se vai acentuando em alguns dos demais Estados da República”.

De caráter científico são os ensaios incluídos nos primeiros números: **Os instintos**, **A Libertação da mulher**, por Justiniano de Melo, **Constituição Física da América do Sul** por Ernesto Luiz de Oliveira, **A Evolução**, por Carvalho de Mendonça, **O Vegetarismo** por Alfredo Munhoz, **O Progresso das Idades**, por Romário Martins. Além disso, junta-se outro fato básico para avaliação desta revista, que é de formação do grupo, contido no testemunho de seus fundadores Dario Velloso e Silveira Neto.

---

\* O grifo é meu.

Este último, em artigo publicado na revista do **Club Coritybano** <sup>10</sup> relata o desenvolvimento do grupo, que na realidade se formara já em 1893.

Foi na revista literária do **Club Coritybano** e nas reuniões no **Karóim** subterrâneo de Dario Velloso que a amizade entre Silveira Neto, Antônio Braga e Julio Pernetta, foi se desenvolvendo.

Nessas reuniões segundo Silveira Neto, eram lidos Varella, Casimiro de Abreu, enquanto Dario Velloso, desde logo aparece interessado "na cabalística do verso".

Ao grupo inicial junta-se Rocha Pombo, Domingos Nascimento, (Diretor da **Revista Azul** "que vem totalizar e estreitar os esforços do grupo") Alberto Rangel, Leôncio Correia, sendo o visitante mais importante, segundo Silveira Neto, Luiz Murat.

A evolução e presença dessas amizades e interesses podem ser ilustradas pelos textos publicados na revista do **Club Coritybano**. Revista, que acolheu as mais diversas tendências, não possuindo em seus 13 anos de existência, uma linha definida, mesmo sendo o maior repositório de textos e informações do movimento cultural paranaense. Publicada desde 1890, incluiu na seção literária de nome **Parnaso**, publicações de Castro Alves, Gonçalves Dias, Bilac, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho ao lado de colaborações de Mario Pederneiras, Nestor Vitor, Dario Velloso, Carlos D. Fernandes, Carlos Raposo, Alfredo Sarandy, Pereira da Silva, Gustavo Santiago, Antônio Austregésilo.

Assim como no caso de **O Cenáculo** é a partir de 1.897 que as tendências simbolistas se fazem mais marcantes.

O testemunho de Dario Velloso sobre a formação do citado grupo, completa o quadro destas preocupações e divergências. Das leituras no subterrâneo, as que mais o impressionaram, parece não ter sido aquela dos românticos, mas desde logo, "as missas negras de Huysmans", os sabás de Michelet, Papus e Guaita.

"Foi no **Cenáculo**, diz êle a Silveira Neto, "saiste a combater a **Serpente Negra**, no **Cenáculo**, ao tempo em que no Paraná assassinavam o silvícola sob as vistas indiferentes do govêrno, partiu o humanitário alarma: **Pelos índios.**" <sup>11</sup>

Mais adiante, confessa não poder terminar "sem preito ao célebre cenáculo de lusitano". Eça, Ramalho, Antero, Oliveira, sem esquecer as penetrações corajosas na leitura de Darwin, Conte, Spencer, Leconte de Lisle, a luta contra o anti-feminismo, a defesa que

faziam por Dreyfus e Zola, e a amizade com Carlos Raposo, intensificada pelo interesse comum na reabilitação de Pitágoras.

As revistas que se seguiram como o caso de **Galáxia** (1897) órgão do centro Literário, que teve entre os fundadores, Emiliano Pernetta, já possui um programa definido:

“Galáxia é a flâmula simbolista sob a qual se virão agrupar os Cids vitoriosos da Idéia, é a hóstia de ouro elevada litúrgicamente por inspiradores levitas do Sonho, a magnificientíssima Isis da beleza artística”. (*Galáxia* (1), 1897).

O mesmo se poderia dizer das revistas **Pallium** (1898) e **Breviário** (1900).

“Em extasi de olhares infinitos para o alto entre a pompa heráldica das celebrações de Arte, seguimos romeiros do Ideal, pelos constados horizontes do Sonho, a conduzir o sagrado Pallium dos nossos Anseios para a dor e para os encantamentos da vida Suprema”.

(*Pallium* (1): 8, set. 1890)

“( . . . ) Villers de L’Isle Adam na prosa e Verlaine, no verso são as duas personalidades artísticas surpreendentes desta posição do século ( . . . )

No Brasil um dos espíritos que mais legitimamente representa esta fidalga geração de estetas, é, sem dúvida, o Artista (Emiliano Pernetta) cujo busto ilumina a página de honra do *Breviário*”.

(*Breviário* (1) : 2,3 maio 1900)

Aqui já sentimos um pensamento teórico formulado, podendo ainda, ser motivo de análises interessantes, os propósitos das revistas: **Turris Eburnea**, **Azul**, bem como a colaboração homogênea de **A Penna**, **Victrix**, **Stellario**.

Porém, é impossível ignorar o movimento que se desenvolveu, paralelamente, em **Jerusalem** (1898) e **Esphynge** (1899). A primeira refletindo tôdas as preocupações liberais do momento, é leitura obrigatória para uma idéia das proporções do anticlericalismo em Curitiba. A segunda, visava iniciar o Brasil nas “Antigos Templos da Ciência Oculta”, preparando o país “para a grandiosa luz do século XX”.

Decorrentes destas linhas de pensamento, surgiram obras significativas e polêmicas porém, acreditamos merecer destaque por se

tratar de caso isolado em nossa literatura, a obra **Atlântida** de Dario Velloso.

Sua publicação tardia (1938) em muito deve ter prejudicado a avaliação desta tentativa de uma "Epopéia cósmica", cuja concepção central liga-se à substituição da mitologia clássica e lendas nacionais por mitos ocultistas.

Trata-se de uma tentativa de inscrever as origens do Brasil em plano universal, conferindo-lhe "a missão histórica de espargir no Orbe, ensinamentos pacifistas, homogeneizando as raças humanas, formando tipo sintético da Espécie".<sup>12</sup>

Wilson Martins, observa que "a **Atlântida** é, em teoria, a nossa epopéia nacional, e faltou-lhe a espessura de um cabelo para situar-se no mesmo plano de tantos outros poemas legendários de que se orgulham escandinavos ou indus, hispano-americanos ou poloneses — e mesmo francêsês".<sup>13</sup>

O Simbolismo paranaense pelas condições especiais em que se desenvolveu, permitindo a oficialização de uma atmosfera de sonhos e utopias, tornadas por um instante atualidade, impõe aos estudiosos de nossa historiografia literária maior interesse pelos levantamentos regionais, em uma perspectiva de que surjam estudos sincrônicos deste período.

## NOTAS

- (1) PORTELLA, Eduardo. *Literatura e Realidade Brasileira*. Rio, Tempo Brasileiro, 1971, p. 32.
- (2) HAUSER, Arnold. *História Social de la Literatura y el Arte*. trad. espanhola, 3.ª ed. Madrid, Guadanarra, 1964, v II, p. 430.
- (3) WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel*. São Paulo, Cultrix, 1967. p. 24.
- (4) Em seu trabalho *Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira*, monografia apresentada ao Encontro Internacional de Estudos Brasileiros e I Seminário de Estudos Brasileiros (São Paulo, set. 1971), o prof. Dr. José Aderaldo Castelo já salienta o papel do simbolismo na "intensificação da preocupação estética, teórica, entre nós, e que deu o primeiro grande exemplo de lutas de geração, o que vemos igualmente nos primeiros momentos do modernismo brasileiro".
- (5) TYNIANOV, J. Da Evolução Literária, In: TYNIANOV, J. et alii. *Teoria da Literatura — Formalistas Russos*. Porto Alegre, Globo, 1971. p. 114-7.
- (6) BOSI, Alfredo. O Simbolismo, In: ——. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1971. p. 300.
- (7) VERÍSSIMO, José. *Estudos da Literatura Brasileira*. 4.ª série, Rio, Garnier, 1910, p. 257-9.
- (8) Ao classificar as revistas simbolistas Andrade Muricy, em seu *Panorâma do Simbolismo Brasileiro*, p. 301-8, aponta entre as 29 revistas ligadas ao simbolismo, 16 editadas no Paraná.

O número é por si mesmo expressivo para impor um papel de destaque ao Paraná. Há que considerar ainda, que das 13 restantes, 6 não pertencem à metrópole. Porém, faz-se necessária no caso paranaense, a correção de certos dados: A revista

**Pallium** teve o seu primeiro número editado em 1898 (AM 1900) o mesmo se dá com **Victrix**, fundada em 1902 e não em 1907.

Quanto a revista (sic) **Acácia**, trata-se de jornal moçônico que não passou do primeiro número.

Desde que este periódico foi classificado como simbolista, ou que interessa à história do simbolismo, conviria assinalar outros de muito maior importância e continuidade como: **Ramo de Acácia** (Órgão da Maçonaria do Paraná 1908-1912), **Mirto e Acácia** (Órgão do Instituto Néopitagórico 1916-1920, **Brasil Cívico** (1918) **Electra** (Órgão Anti Olerical, 1901-3) **O Policano** (Órgão de Propaganda Maçônica — 1897).

Destacam-se, ainda, como repositório de textos esparsos o **Almanach do Paraná** (1096-8) **Almanach Paranaense** (1896-1901).

Outros periódicos poderiam ser citados como documentos para pesquisa da formação romântica dos autores paranaenses: **O Mosqueteiro** (1886-7) fundado por Dario Velloso (manuscrito), **A Luta** (1886-7), **Revista do Paraná** (1887), **O Santelmo** (1888), **A Idéia** (1888-9), **O Guarany** (1891), **O Futuro** (1892).

Outro dado interessante sobre a história dos periódicos paranaenses encontramos no número 17 da revista **O Sapo**, segundo o qual publicou-se no Paraná de 1854-1900 cerca de 279 periódicos (alguns em polonês, alemão, e italiano os últimos de caráter anarquista), dos quais 179 surgiram em Curitiba.

Na lista consta o nome de outras revistas literárias, e além disso, notas da revista **Club Coritybano** assinalam ter sido fundado por Emiliano Pernetta e Silveira Neto o periódico **Cruzeiro do Sul**. Porém, estas ainda não foram localizadas.

- (9) As proporções assumidas pela vida literária, e a mistificação de suas personalidades, é um aspecto interessante a considerar como significação no desenvolvimento literário. O critério de valor que vem sendo atribuído por estudiosos paranaense, e mesmo em certos trabalhos de Andrade Muricy (vide "Nova Hélade" Revista Brasileira de Cultura), torna esta dimensão social da literatura nociva, no sentido de uma verdadeira colocação da literatura paranaense.
- (10) SILVEIRA NETO. O Cenáculo. **Club Coritybano**, Curitiba, (18): 3, 30 nov. 1894.
- (11) VELLOSO, Dario. Do Retiro Saudoso. In: —. **Obras**. Curitiba, INP, 1969, p. 334-7.
- (12) VELLOSO, Dario. **A Atlântida**. Curitiba, INP, 1938.  
A gênese desta obra é bem mais longínqua do que 1933. Em carta a Dario Velloso, Gonzaga Duque já observa que de Alma Paenitente e Althair vai surgir a grande obra de D. Velloso. (Carta publicada em **Club Coritybano** (1) 1899).  
Além de um glossário **Atlântida** apresenta uma vasta bibliografia que não só inclui os autores ocultistas — Papus, Lebesgue, Fabre D'Olivet, De Guaita, Flammarion, mas também Ernest Bosc, Bernardino de Souza, Bilac, Domingos de Magalhães, Euclides da Cunha, Alencar, Gonçalves Dias, Menotti del Picchia etc..  
O curioso desta bibliografia é a consciência crítica de sua elaboração.
- (13) MARTINS, Wilson. O Universo de Símbolos. **Suplemento Literário d' O Estado de São Paulo**. São Paulo ( ): 4, 5 set. 1970.